

Bourdieu e a linguística sob o prisma da sociologia

Bourdieu and linguistics from the perspective of sociology

Alan Freire de Lima

Logos University International (UNILOGOS)

alanletrasingles@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0002-1013-9546>

Arlete Freire de Lima

Logos University International (UNILOGOS)

arletefreiredelima@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0001-9000-8978>

BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas linguísticas: o que falar quer dizer*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: Edusp, 2022.

Pierre Bourdieu (1930-2002) formado em filosofia pela École Normale Supérieure (ENS), foi docente e pesquisador na École de Sociologie du Collège de France, foi de fato um destacado e renomado sociólogo, filósofo, etnólogo e antropólogo francês, os seus trabalhos tiveram um contorno em outros campos do conhecimento dentro das ciências humanas com contribuições para diversas subáreas das ciências humanas como à sociologia, serviço social, etnologia, linguística, política, antropologia e educação, por exemplo, cujos trabalhos acadêmicos desenvolvidos ao longo da sua trajetória profissional abordando questões de dominação, estruturas e campos sociais na qual a reprodução social é de grande interesse do capitalismo, que reproduz as desigualdades e as hierarquias sociais dentro de uma determinada sociedade, mas agindo com determinadas especificidades que obedecem a um *modus operandi* do capitalismo como uma megaestrutura em escala global.

Os seus estudos na Argélia, ganharam corpo ao pesquisar sobre às formas de organização social da sociedade cabila, como o sistema colonial atuou na sociedade cabila

em suas estruturas e a deculturação como decorrência do colonialismo europeu, os diversos temas que Bourdieu aborda tem um viés sociológico, percebe-se isso de forma mais explícita no seu trabalho “A economia das trocas linguísticas”, cujos conceitos de certa forma ou em algum grau foram influenciados pelos seus trabalhos anteriores como em sua obra intitulada “A economia das trocas simbólicas”, cujos pressupostos teóricos tratam das limitações e características da fala como um componente do fenômeno da linguagem, por conseguinte da linguística. A teoria social, para Bourdieu, deve ser entendida em correspondência aos três conceitos desenvolvidos nos seus estudos, a saber: campo, *habitus* e capital.

A repercussão dos seus trabalhos coincidiu com o contexto pelo qual a educação francesa assim como a sociedade vinha passando, necessitando de uma teoria que a explicasse dentro do sistema capitalista, fazendo-se sentir de início na sociologia da educação, através de suas pesquisas no que concerne aos processos de transmissão e herança cultural, sendo que estas beneficiam os setores das classes hegemônicas ou dominantes, por meio do sistema educacional francês, a chamada teoria da reprodução parecia ser dotada dos teores que almeja uma teoria "pura" de esquerda, sua teoria se tornou carro-chefe por atender questões referentes às desigualdades permanentes do capitalismo, oferecendo uma explanação consistente das condições estruturais de manutenção das desigualdades sociais em concomitância com o seu caráter simbólico.

A presente obra está dividida em três partes: Primeiro: A economia das trocas linguísticas, subdividida em a produção e a reprodução da língua legítima e a formação dos preços e a antecipação dos lucros. Segundo: Linguagem e poder simbólico, subdividida em a linguagem autorizada: as condições sociais da eficácia do discurso ritual, os ritos de instituição, a força da representação, descrever e prescrever: as condições e os limites da eficácia política. Terceiro: Análises de discursos, subdividida em censura e reformulação, o discurso da importância: algumas reflexões sociológicas sobre o texto: "algumas observações críticas a respeito de 'ler o capital' ", a retórica da cientificidade: contribuição para uma análise do efeito Montesquieu.

Bourdieu faz crítica severa a filosofia intelectualista que a linguística costumeiramente faz da linguagem um objeto de eleição mais do que um instrumento de ação e de poder, é o que Bourdieu chama de aceitar o modelo saussuriano e

seus pressupostos é o mesmo que tratar o mundo social como um universo de trocas simbólicas e reduzir a ação a um ato de comunicação que está a ser decifrado por um sistema de códigos. Para o sociólogo, o modelo linguístico precisa ser compreendido pelas operações de construção de objeto pelos quais foi fundado e às condições sociais da produção e da circulação de seus conceitos essenciais.

O autor desvela que as relações de comunicação por excelência são também relações de poder simbólico onde se efetivam as relações de força entre os locutores ou seus respectivos grupos, no qual o teórico afirma a necessidade de se elaborar a economia das trocas simbólicas que está em pleno funcionamento dentro de uma sociedade capitalista.

O ato da fala e, de uma forma geral, toda ação é constituída por uma conjuntura, dentre as quais destaca o *habitus* linguístico, que são as disposições socialmente modeladas que implicam certa propensão a falar e a dizer coisas determinadas (interesse expressivo), definida concomitantemente como capacidade linguística e como capacidade social.

A determinação completa do significado do discurso se compõe pelo valor distintivo que resulta do relacionamento efetuado pelos locutores, de forma consciente ou inconscientemente, que se configura em um produto linguístico ofertado por um locutor socialmente distinto e os produtos concomitantemente propostos num espaço social determinado.

Pierre Bourdieu esclarece que a perspectiva do modelo simples de produção e de circulação da linguística como uma associação entre os *habitus* linguísticos e os mercados nos quais eles disponibilizam não tem como intenção os seus produtos negar ou invalidar a análise tradicional da linguística do código, muito pelo contrário, o horizonte sociológico da linguística considera a forma como o mercado opera a determinação no sentido amplo do significado do discurso, isto é, das deliberações que compõem a definição prática da acepção e do propósito que se transmite de fora automaticamente para o discurso. No princípio da intenção e significação objetivo que se engendra na circulação linguística, o mercado tem um papel significativo para formar, tanto o valor simbólico como também o sentido do discurso.

Para o teórico a compreensão completa da eficácia simbólica das linguagens seria necessário direcioná-la ao efeito dos mal-entendidos que levam indivíduos divergentes em tudo a se reconhecerem na mesma mensagem. A homologia, isto é, uma figura de estilo da

retórica que reside na repetição de definições, concepções, conceitos ou de outras figuras de estilo dentro do mesmo discurso, que consoante a Bourdieu dos antagonismos constitutivos dos campos especializados e o campo das classes sociais está no primórdio de uma anfibologia fundamental, cuja ambiguidade fica perfeitamente explícita quando se transpõe para fora do campo específico ou restrito.

Diante de tal fenômeno, o autor salienta a importância da autonomia da língua, sua lógica específica, suas regras próprias de funcionamento, além da sua capacidade geradora, a linguagem é entendida como o primeiro mecanismo formal cujas capacidades geradoras são infundáveis que se traduz na máxima: Não há nada que não se possa dizer, e pode-se dizer o nada.

Na história moderna é conhecido o impacto do surgimento da grande indústria e a normatização da língua padrão, antes desse momento de grandes mudanças e transformações históricas havia uma grande variedade de diferentes ramos de artesanato que compunham "diversos recintos" separados, assim como das variantes locais da língua d'oil na região setentrional da França como os dialetos regionais até hoje se diferem entre as regiões que a empregam na fala.

De acordo com Bordieu os mapas dos dialetólogos, os traços fonológicos, morfológicos e lexicológicos se distribuem em áreas que nunca se sobrepõem perfeitamente, na ausência da objetivação da escrita e sobremaneira da codificação quase jurídica em correlação à constituição de um idioma oficial, as "línguas" só permanecem em estado prático, isto é, sob a forma de *habitus* linguístico.

Houve na história francesa um processo de unificação linguística que se confunde com o desenvolvimento do Estado monárquico, em que os dialetos e as línguas literárias distintas de cada um dos dialetos empregados no conjunto do território onde elas transcorrem, cede lugar progressivamente, a partir do século XIV, pelo menos nas províncias centrais do país d'oil, que através de um processo de parcelamento e de desagregação interna os usos populares e puramente orais de todos os dialetos regionais foram suplantados perpassados assim a condição de "patoá" resultantes da desvalorização social de que foi objeto, estigmatizados como dialetos camponeses de forma negativa e pejorativa, em oposição à língua comum que se elabora nos ambientes cultivados de Paris que foi promovida ao status

de língua oficial, porém com uma diferença substancial na forma que os usos eruditos (ou seja, usos por escrito) a conceberam e normatizaram.

Na constituição dos estados-nação, uma entidade abstrata e fundada no direito, tornam-se essenciais o uso da língua-padrão com os seus respectivos usos e funções inéditos até então, considerada tão impessoal e anônima como aos usos oficiais a qual a língua-padrão confere, concomitantemente ao processo de normalização dos produtos dos *habitus* linguísticos, cujo resultado de um dos seus produtos é a codificação e normalização da língua-padrão, oficial, por meio do dicionário, que reúne o léxico por meio do registro erudito, logo escrito.

A dimensão e a dominação simbólica da fabricação e unificação de uma língua, a generalização do uso da língua dominante traz em seu bojo a dimensão da unificação do mercado de bens simbólicos que se associa a unificação da economia, assim como da produção e da circulação culturais. O desenvolvimento da unificação tanto da produção como da circulação de bens econômicos e culturais tem como consequência a obsolescência contínua e progressivamente do antigo modo de produção dos *habitus* e de seus produtos, ou seja, uma mutação cultural em uma escala gigantesca.

A dominação simbólica é constituída em vários campos, como o econômico, político, social, religioso, artístico, educacional e assim por diante, cuja dominação se dá por intermédio de todo um conjunto de instituições e mecanismos específicos, cuja característica mais superficial se expressa exatamente através de uma política propriamente linguística, sem desconsiderar as intervenções e interferências manifestas pelos grupos sociais de pressão, sendo como o ponto mais expressivo desta pressão a própria unificação política e/ou econômica.

A própria forma do discurso assim como as formas de sua aceitabilidade se definem por meio da relação com o mercado, particularmente no caso de enunciados constataativos, é, outrossim através do nexos com as possibilidades disponibilizadas por um determinado mercado que acabam sendo definidas as condições de felicidade no caso dos enunciados performativos, isto é, a um ato de fala que acarreta ou suscita a realização concomitante da ação evocada pelo enunciado. Fato que Bourdieu afirma que toda fala é produzida e veiculada para e pelo mercado ao qual ela deve a sua existência e seus atributos mais específicos.

O tema dos enunciados performativos fica evidenciado a partir do momento em que se enxerga aí um caso específico os efeitos de dominação simbólica que acontecem em qualquer troca linguística. O nexos de forças linguísticas vai além das competências linguísticas oponentes, assim como o peso dos diferentes agentes submete-se com o seu capital simbólico, ou seja, do reconhecimento que recebem de um grupo institucionalizado ou não.

A eficácia simbólica só pode funcionar enquanto tal no momento em que agrupadas condições sociais completamente externas à lógica propriamente linguística do discurso, em outras palavras, as palavras de ordem, assim como o discurso ritual ou a simples injunção ou ordem, até mesmo a ameaça ou o insulto só podem exercer a tal imposição simbólica, quando por um poder reconhecido socialmente.

As condições sociais postas são essenciais para que um agente, por exemplo, um filósofo que almeja que sua linguagem seja de forma tal que ele reivindica, dependerá da aprovação social, o cenário ou as circunstâncias são fundamentais que façam com que ele consiga obter que se lhe conceda a importância que ele atribui a si mesmo, é o capital simbólico dependente de um poder reconhecido.

REFERÊNCIAS

BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas linguísticas: o que falar quer dizer*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: Edusp, 2022.

Recebido em: 14/02/2025

Aceito em: 25/06/2025

Alan Freire de Lima: doutor em Psicologia pela European International University - EIU, (Paris, França). Doutor em Antropologia e Religião pela Logos University International – UNILOGOS, (Paris, França). Bacharel em Biblioteconomia pela Universidade de São Paulo – USP (São Paulo, Brasil), graduação Licenciatura em Letras Inglês pela Universidade Nove de Julho - UNINOVE (São Paulo, Brasil), graduação em Letras Português-Espanhol pelo Centro Universitário Cidade Verde - UNICV (Maringá, PR, Brasil).

Artele Freire de Lima: doutora em Teologia Judaica e Antropóloga pela Logos University International - UNILOGOS, (Paris, França e Miami, Florida, Estados Unidos da América). Pesquisadora científica. Psicanalista Clínica filiada à Associação Brasileira de Psicanálise ABP sob o registro 10.222. Pesquisador científico Logos University International - UNILOGOS (Paris, França).